



Evolução do sucesso dos Jogos Paralímpicos após inserção do modelo de classificação funcional: Contraste entre o Brasil e os países campeões

Bagatini, L.; Mauerberg-deCastro, E.; Figueiredo, G.A.; Iasi, T.C.P.; Da Mata, C. P.;

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP Rio Claro

Resumo

Com o crescimento de participantes, países e inserção de modalidades esportivas, em 1992 o *International Paralympic Committee* (IPC) implanta pela 1ª vez o modelo de classificação funcional para facilitar a participação justa e democrática e modernizar o movimento Paralímpico. O Brasil nas últimas décadas melhorou seus resultados e deslocou sua classificação perto dos dez países com maior sucesso na captação de medalhas de ouro. Neste estudo analisamos o crescimento dos Jogos Paralímpicos (JP) em termos de sucesso dos campeões e países participantes e, em especial, o contraste com os resultados do Brasil a partir de 1992.

Abstract

With the increase number of participants, countries and inclusion of new disability sports, in 1992 the *International Paralympic Committee* (IPC) deploys for the first time the functional classification system to facilitate fair and democratic sport participation in the Paralympic Movement. In the last decades, Brazil has improved performance and got closer to the ten most successful countries that won gold medals. In this study we analyze the growth of the Paralympic Games considering success and participating countries and contrasting to Brazilian results since 1992.

Introdução

Desde os anos 1940, o principal paradigma do esporte para deficientes foi e continua sendo a sua associação com a preservação e reabilitação da saúde. O engajamento no esporte e a resposta adaptativa na reabilitação funcional são pontos críticos para a qualidade de vida de pessoas com deficiência no mundo todo. Entretanto, oportunidades e sucesso em eventos esportivos são privilégios de uma minoria. As oportunidades de treinamento e competições com o esporte adaptado ou Paralímpico refletem uma ampla dependência com poucas instituições de foro governamental e não governamental que, por sua vez, dependem quase que totalmente de ações voluntárias tanto no Brasil como no resto do mundo (Mauerberg-deCastro et al., 2016).

O *International Paralympic Committee* (IPC) é a principal organização não governamental responsável pela estrutura e modelo dos Jogos Paralímpicos (JP). O Movimento Paralímpico cresceu e o acesso aos Jogos Paralímpicos (JP) ampliaram tanto a aderência de novos países como de atletas participantes em eventos internacionais. Entretanto, nos JP o sucesso na liderança atlética e a captação de medalhas restringem-se a uma minoria e, desde 1992, quando o modelo de classificação funcional foi implantado nos Jogos pela primeira vez, nem a metade dos países chega a captar uma medalha

(Mauerberg-deCastro, 2011). Os campeões que captam mais de 50 medalhas por evento se restringiram a menos de 10% nos últimos 24 anos, e não identificamos sinais de mudança (Mauerberg-deCastro et al., 2016). O objetivo deste estudo foi analisar o crescimento dos JP quanto ao sucesso dos campeões e países participantes na captação de medalhas e, em especial, contrastar com os resultados do Brasil a partir de 1992.

Método

O estudo teve foco quantitativo utilizando a base de dados do IPC (2016) que reúne os registros dos JP desde 1960. Recuperamos dados dos ciclos Paralímpicos desde 1992 (primeiro JP com a implantação do primeiro modelo de classificação funcional) até os JP do Rio em 2016. As variáveis utilizadas para análise neste estudo incluíram: número de atletas e medalhas captadas pelos 10 primeiros colocados nos últimos 24 anos, em especial do Brasil em comparação com o número geral de atletas e de países participantes nestes últimos sete ciclos Paralímpicos.

Resultados e Discussão

A iniciativa do IPC em tornar os JP mais atraentes para o público e mídia em geral é evidente visto as novas modalidades que foram incorporadas aos JP e com a criação de novas classes funcionais (Tabela 1). O modelo de classificação funcional é uma alternativa para tornar as competições mais justas (democratizando o acesso baseado em desempenho esportivo invés de exclusiva base no comprometimento da deficiência, deixando em evidência a funcionalidade do atleta, condicionando vitória/recordes como resultado da rotina de treinamentos, preparos físico e mental) e chamar atenção da mídia (televisão, rádio, internet, patrocínios...) e respectivo público espectador. O crescimento dos JP é demonstrado através do número de países e atletas participantes. Em 1992, 83 países foram aos JP com um total de 3.000 atletas. Em 2016 participaram dos JP do Rio de Janeiro 160 países com um total de 4.328 atletas (atenção especial é dada ao crescimento no número de mulheres participantes, que dobrou em um período de 24 anos).

Tabela 1 - Evolução no número países, atletas, modalidades, e eventos nos últimos sete JP.

Ano	Países	Atletas	Modalidades	Eventos
1992	83	3000	16	489
1996	104	3255	19	519
2000	122	3879	19	550
2004	135	3808	19	519
2008	146	4011	20	472
2012	164	4302	20	503
2016	160	4328	22	528

As campanhas do Movimento Paralímpico Brasileiro também ampliaram a participação de atletas em um número maior de modalidades. De 1992 até os JP do Rio em 2016, o número de atletas brasileiros aumentou sete vezes (em 1992, 41 atletas atenderam os JP; em 2016 o número aumentou para 286). Essa visão de crescimento também reflete no desempenho do país a cada edição dos JP. O Brasil conquistou mais medalhas e melhores posições na classificação geral. Mesmo caminho percorre a China, atual vencedora das quatro últimas edições de JP. A China desde sua 1ª aparição nos JP em 1984 já captou quase a metade do número total de medalhas (i.e., 1022) em contraste com o país que participa desde 1960, os EUA (2181 medalhas). Desde 1992, a China vem ocupando posições privilegiadas entre os campeões, deixando uma distância confortável com os demais colocados. Mauerberg-deCastro et al. (2016) creditam que essa evolução chinesa deve-se a “projetos” chave de reabilitação implantados em muitas regiões da China. A detecção precoce da deficiência tornou-se parte dos esforços do governo chinês, que tem a reabilitação integrada no esporte. O plano nacional do país cobriu áreas mais amplas na vida das pessoas com deficiência (educação, emprego, esportes e reabilitação), a criação de eventos e capacitação de pessoas para trabalhar em esportes para deficientes também é uma chave do sucesso chinês (Figura 1).

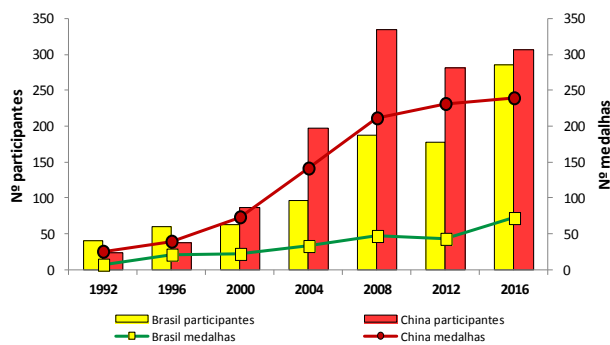


Figura 1 – Desempenho Brasil vs. China nos últimos 7 JP (no. de participantes e medalhas conquistadas).

Quando comparado o desempenho do Brasil com o primeiro colocado em 1992 o Brasil (37ª posição) ficou com 4% do total de medalhas do país que ficou em primeiro lugar. Em 2016 o Brasil (8º lugar) aumentou esta porcentagem para 30% (Figura 2).

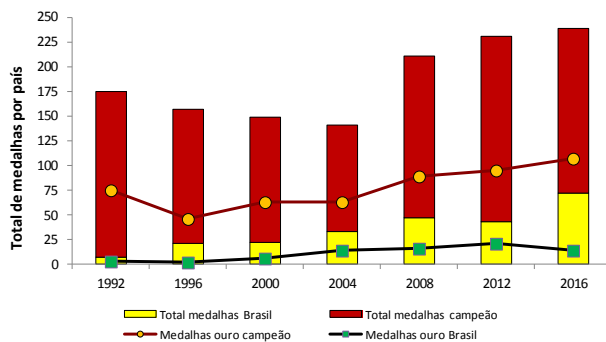


Figura 2 - Comparação brasileira com os primeiros colocados nos últimos sete JP.

O crescimento dos JP é numeroso e diversificado, alguns fatores como o maior número de participantes e países que integram este acontecimento, a união do mesmo país sede e comitê organizador com os Jogos Olímpicos elevou a visibilidade dos JP. A internacionalização dos últimos JP mostra a importância do esporte para deficientes no aspecto esportivo, social e econômico. Bons resultados e performances que tendem a ultrapassar os feitos dos atletas Olímpicos também chamam a atenção dos eventos dos JP.

Mauerberg-deCastro et al. (2016) mencionam o compromisso do IPC em tornar o esporte Paralímpico atraente para todos. Existem inúmeros desafios em equilibrar o número de modalidades, incrementar o número de campeonatos mundiais, melhorar o controle antidoping, atualizar e modernizar regulamentos em conformidade com o sistema de classificação funcional, assim como permitir o acesso de atletas de qualquer nível ao procedimento de classificação e não somente para aqueles que vão competir nos eventos internacionais. A evidência do maior número de medalhas conquistadas por poucos países representa o pobre desenvolvimento do esporte em outras regiões do mundo. Na última edição do JP, 6% dos países participantes conseguiram ficar com 51% das medalhas distribuídas nos jogos. Poucos países vencedores refletem sobre os problemas de acessibilidade e oportunidades ao deficiente ao redor do mundo. Vulnerabilidade econômica, ausência de oportunidades para treinamento, falta de mão de obra qualificada e tecnologia assistiva, patrocínios assegurados por entidades filantrópicas e de participações voluntárias também fazem parte do obstáculo de maior distribuição de medalhas por um número maior de países participantes (Mauerberg-deCastro et al., 2016).

Conclusões

O Brasil vem melhorando sua participação em JP a cada edição (é o 13º país a obter o maior número de medalhas desde que foi implantado o modelo de classificação funcional em 1992). Mas esta posição ainda destoa dos resultados dos primeiros colocados no mundo. As instituições brasileiras e seus líderes envolvidos com o esporte adaptado devem olhar com mais atenção à oportunidade histórica JP Rio 2016 para materializar metas de longo prazo com o *esporte para todos* e popularizar e democratizar o acesso ao esporte pelos cidadãos brasileiros com deficiência.

Referências

- IPC. IPC Historical Results Database. 2016. (Disponível em: <<http://www.paralympic.org/results/historical>>. Acesso em: 10 novembro 2016).
- MAUERBERG-DeCASTRO, E.; CAMPBELL, D F.; TAVARES, C. P. The global reality of the Paralympic Movement: Challenges and opportunities in disability sports, *Motriz*, v.22 p 109-121, 2016.
- MAUERBERG-DeCASTRO, E. *Atividade Física Adaptada* (2a ed.) Ribeirão Preto: Novo Conceito, 720. 2011.

Nota dos autores

Os autores deste trabalho fazem parte do Laboratório de Ação e Percepção (LAP) do curso de Educação Física da UNESP de Rio Claro coordenado pela Profª Dra. Eliane Mauerberg-deCastro.

Contato

Leandro Bagatini (smn_leandro@hotmail.com)

(83) 3322.3222
contato@ciefmh.com.br
www.ciefmh.com.br